

ENSINO-APRENDIZAGEM DA SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO MÉDICA EM DUAS UNIVERSIDADES DO OESTE CATARINENSE

TEACHING AND LEARNING OF SEXUALITY IN MEDICAL EDUCATION IN TWO UNIVERSITIES IN THE WEST OF SANTA CATARINA

ENSEÑANZA-APRENDIZAJE DE LA SEXUALIDAD EN LA FORMACIÓN MÉDICA EN DOS UNIVERSIDADES DEL OESTE DE SANTA CATARINA

Vanessa Cristina Grolli Klein¹  Fabricio Salazar Fiorio Marques²  Gabriela Mazzioni Dudek³ 
Cláudia Elisa Grasel⁴  Elcio Luiz Bonamigo⁵ 

Resumo: A sexualidade é um dos temas de interesse de pessoas em tratamento, mas poucos estudos buscaram compreender como ocorre sua abordagem no ensino médico. O objetivo deste estudo foi verificar o ensino da sexualidade humana em dois cursos de graduação em medicina na perspectiva dos estudantes. Tratou-se de um estudo quantitativo e transversal, por meio da aplicação de questionário. A amostra foi constituída por estudantes do internato médico regularmente matriculados(as) em ambas as universidades. Ao todo, 107 estudantes participaram da pesquisa, sendo 80 da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) e 27 da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Quase todos(as) os(as) participantes (91,59%) confirmaram que o tema sexualidade foi abordado em algum momento da sua formação acadêmica e, segundo a maioria (64,4%), o teor ocorreu na disciplina de Ginecologia. A maioria (85,98%) considerou que o tema sexualidade é importante para sua formação médica, porém apenas 16,8% se sentiam aptos para esse tipo de atendimento. Conclui-se que o tema sexualidade foi abordado durante a graduação médica, porém não o suficiente para que os(as) acadêmicos(as) se sintam aptos para o atendimento de pessoas em tratamento.

Palavras-chave: Sexualidade; Educação sobre Sexualidade; Ensino; Escolas de Medicina; Estudantes de Medicina.

Abstract: Sexuality is a topic of interest to patients, but few studies have sought to understand how it is approached in medical education. The objective of this study was to verify the teaching of human sexuality in two undergraduate medical courses from the perspective of students. This was a quantitative and cross-sectional study, through the application of a questionnaire. The sample consisted of medical internship students regularly enrolled in the curricular component of both universities. In total, 107 students participated in the study, 80 students from the University of Western of Santa Catarina (Unoesc) and 27 from the Community University of the Chapecó Region (Unochapecó). Almost all participants (91.59%) confirmed that the topic of sexuality was addressed in their academic training and, according to the majority (64.4%), the content occurred in the Gynecology discipline. The majority (85.98%) considered that the topic of sexuality is important for their medical training, but only 16.8% felt qualified to provide this type of care. It is concluded that the topic of sexuality was addressed during medical graduation, but not enough for students to feel ready to care for patients.

Keywords: Sexuality; Sex education; Teaching; Schools, Medical; Students, Medical.

Resumen: La sexualidad es uno de los temas de interés para las personas en tratamiento, pero pocos estudios han buscado comprender cómo se aborda en la enseñanza médica. El objetivo de este estudio fue verificar la enseñanza de la sexualidad humana en dos cursos de pregrado en medicina desde la perspectiva de los estudiantes. Se trata de un estudio cuantitativo y transversal, mediante cuestionario. La muestra estuvo compuesta por estudiantes de internado de medicina matriculados regularmente en el componente curricular de ambas universidades. En total, participaron de la investigación



¹Mestre em Biociências e Saúde. Universidade do Oeste de Santa Catarina. Joaçaba, Santa Catarina, Brasil. vanessakleingo@gmail.com

²Graduando em Medicina. Universidade do Oeste de Santa Catarina. Joaçaba, Santa Catarina, Brasil. fabriciofioriom@gmail.com

³Graduanda em Medicina. Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Chapecó, Santa Catarina Brasil. gabrieladudek@unochapeco.edu.br

⁴Doutora em Ciências da Saúde. Professora do Mestrado em Biociências e Saúde e Curso de Medicina Universidade do Oeste de Santa Catarina. Joaçaba, Santa Catarina, Brasil. claudia.grasel@unoesc.edu.br

⁵Doutor em Bioética. Professor do Mestrado em Biociências e Saúde e Curso de Medicina Universidade do Oeste de Santa Catarina. Joaçaba, Santa Catarina, Brasil. elcio.bonamigo@unoesc.edu.br

107 estudantes, 80 de la Universidad del Oeste de Santa Catarina (Unoesc) y 27 de la Universidad Comunitaria de la Región de Chapecó (Unochapecó). Casi la totalidad de los(as) participantes (91,59%) afirmó que el tema de la sexualidad fue abordado en su formación académica y, según la mayoría (64,4%), el contenido ocurrió en la disciplina de Ginecología. La mayoría (85,98%) consideró que el tema de la sexualidad es importante para su formación médica, pero sólo el 16,8% se sintió capaz de ese tipo de atención. Se concluye que el tema de la sexualidad fue abordado durante la graduación de medicina, pero no lo suficiente como para que los(as) estudiantes se sintieran capaces de atender a las personas em tratamiento.

Palabras clave: Sexualidad; Educación sexual; Enseñanza; Facultades de Medicina; Estudiantes de Medicina.

Introdução

A saúde sexual, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), “é fundamental para a saúde geral e o bem-estar dos indivíduos, casais e famílias, bem como para o desenvolvimento social e econômico das comunidades e países” (World Health Organization, 2017). O conceito de sexualidade abrange uma vasta gama de aspectos e, nesse sentido, profissionais de saúde, incluindo médicos(as), têm um papel essencial na sua abordagem e cuidado.

Embora não haja dados precisos, observa-se a existência de um crescente aumento na incidência das queixas sobre disfunção sexual feminina e, na rotina do consultório, as três categorias de queixas mais frequentes são: problemas menstruais; leucorreias e queixas sexuais, embora não necessariamente nessa ordem sequencial de importância (Cavalcanti, 2019). Em estudo realizado por Abdo e Oliveira Júnior (2002), sobre a vida sexual, entre 3.148 mulheres pesquisadas em 18 cidades brasileiras, havia 32,4% com queixas sexuais não relatadas ao seu ginecologista, relacionando este fato à vergonha e à falta de habilidade ou à falta de preparo do profissional em abordar o assunto.

A abordagem da sexualidade é considerada um tema relevante na formação acadêmica e nas práticas em saúde, contudo se observa dificuldade em realizar esse tipo de abordagem, sobretudo em razão do preconceito de profissionais de saúde, estudantes e população (Guimarães et al., 2017). Adicionalmente, uma pesquisa realizada no Brasil por Rufino, Madeiro e Girão (2014), mostrou que 50% a 72% de ginecologistas, urologistas, psiquiatras e clínicos gerais não investigavam de forma regular a saúde sexual das pessoas em tratamento.

A insuficiência de abordagem educacional, durante a graduação em medicina, sobre conteúdos afetos à sexualidade é uma realidade preocupante, sendo em parte explicada pela falta de previsão nas ementas dos componentes curriculares na matriz curricular dos cursos de graduação, de elementos que abordem a sexualidade humana de forma ampliada, desvinculada da função da reprodução, não ocorrendo, assim, suporte necessário para a formação profissional, tanto do ponto de vista científico quanto ético (Tozo et al., 2007). O Ministério de Educação do Brasil definiu diretrizes curriculares nacionais (DCN) para os cursos de graduação em medicina; embora o termo sexualidade não esteja diretamente citado, incentivam sua abordagem ao estabelecer a importância da comunicação verbal e não verbal na formação médica. Além disso, destacam a necessidade de preparar os estudantes para atuar no cuidado individual e coletivo, incluindo a atenção às populações em situação de vulnerabilidade, contexto no qual a compreensão da sexualidade é essencial (Brasil, 2014).

Diante disso, surge a seguinte questão de pesquisa: os estudantes de medicina estão recebendo formação sobre sexualidade durante a graduação? Nesse contexto, a presente pesquisa se justifica não somente pela dificuldade que alguns estudantes de medicina poderão ter na assistência às pessoas quando se trata de questões de sexualidade em sua futura prática profissional quanto pela necessidade de compreender como avaliam sua formação acadêmica nesse campo.

Como hipóteses, estima-se que não haja componente curricular específico que aborde, em sua ementa, conteúdos atinentes à sexualidade nos cursos de medicina pesquisados, mas que os estudantes de medicina entram em contato com esse conteúdo em outros componentes curriculares. Desta forma, o objetivo principal do estudo foi investigar a perspectiva de estudantes das últimas fases de dois cursos de medicina sobre a inclusão de conteúdos sobre a sexualidade humana em ementas de componentes curriculares

presentes na matriz curricular de dois cursos de graduação em Medicina.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa, de corte transversal. A população do estudo foi composta por estudantes regularmente matriculados no internato médico do curso de Medicina das Universidades do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) e da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), perfazendo um total de 150 estudantes na Unoesc (8ª a 12ª fase) e 120 estudantes na Unochapecó (9ª a 12ª fase), totalizando um alvo de 270 estudantes. As universidades participantes desta pesquisa eram comunitárias, localizadas respectivamente em Joaçaba e Chapecó. Para a coleta das informações utilizou-se questionário elaborado para este estudo. Parte dos questionários foi aplicada por pesquisadores presencialmente e parte foi enviada por formulário eletrônico, via correio eletrônico.

O formulário eletrônico foi enviado dia 28 de novembro de 2023 e encerrado para respostas no dia 20 de janeiro de 2024, onde 44 estudantes aceitaram participar da pesquisa concordando com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para aumentar o número da amostra, durante os meses de abril a maio de 2024, foi aplicado um questionário presencial, obtendo-se as respostas de mais 27 estudantes da Unochapecó e 80 da Unoesc, totalizando 107 participantes.

Para analisar os dados foi realizado o emprego de técnicas de estatística descritiva, com a utilização de tabelas de frequências e gráficos para apresentação dos resultados. O teste de Qui-quadrado (*chi-square*) foi utilizado para verificar a associação entre as variáveis sociodemográficas dos(as) respondentes e as questões inerentes ao objetivo da pesquisa. As variáveis analisadas foram: grau de desconforto com o tema sexualidade, sentir-se apto a realizar atendimento, tema sexualidade foi abordado na formação e em quais componentes curriculares, aprendizado de técnicas para esse tipo de atendimento e importância referida ao tema sexualidade na formação acadêmica. Para fins de análise, os dados foram tabulados em planilhas eletrônicas e submetidos a análises estatísticas no *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*. Esta pesquisa foi aprovada pelos CEP de ambas as universidades.

Resultados

Dentre os 107 estudantes que participaram da pesquisa, 77,4% declararam ser do sexo feminino e 22,6% do sexo masculino. A Tabela 1 apresenta a distribuição de estudantes de medicina por fase, revelando que a maior concentração está na 11ª fase, representando 42,06% do total de respondentes.

Tabela 1 – Distribuição percentual de estudantes pesquisados(as) por fase do curso de Medicina. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

Fase	Unochapecó		Unoesc		Total	
	n	%	n	%	n	%
8ª fase	0	0	5	6,25%	5	4,67%
9ª fase	8	29,63%	20	25,00%	28	26,17%
10ª fase	6	22,22%	7	8,75%	13	12,15%
11ª fase	12	44,44%	33	41,25%	45	42,06%
12ª fase	0	0	12	15,00%	12	11,21%
Não informou	1	3,70%	3	3,75%	4	3,74%
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%

Fonte: elaboração própria.

Conforme a Tabela 2, a maioria dos(as) estudantes relatou que o tema sexualidade foi abordado em algum momento de sua matriz curricular. Especificamente, 85,19% dos(as) estudantes da Unochapecó e 93,75% dos(as) estudantes da Unoesc responderam afirmativamente, totalizando 91,59% de respondentes e não houve diferença entre as instituições ($p=0,166$).

Tabela 2 – Distribuição percentual da abordagem do tema sexualidade nas matrizes curriculares dos cursos de Medicina. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	n	%	n	%	
Sim	23	85,19%	75	93,75%	98	91,59%	0,166 (1,922)
Não	4	14,81%	5	6,25%	9	8,41%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

Em relação ao número de horas dedicadas ao ensino da sexualidade, entre os 56 que responderam, houve discrepância nas respostas, indo de 0 (zero) a 60 horas, considerando que alguns trataram deste tema em atividades extracurriculares, entretanto, 68% indicaram menos de 10 horas de ensino.

Na Tabela 3, o resultado evidencia que ginecologia é o componente curricular com teor sobre sexualidade mais citada, com 64,49% de respondentes indicando sua inclusão no currículo. Outras combinações de componentes curriculares, como Ginecologia e Urologia, também foram mencionadas, refletindo uma abordagem multidisciplinar necessária para um entendimento abrangente da sexualidade. Entretanto, 9,35% dos respondentes não informaram quais componentes curriculares teriam o conteúdo previsto em sua ementa.

Tabela 3 – Distribuição percentual de componentes curriculares que abordam a sexualidade em sua ementa, Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

Disciplina(s)	Unochapecó		Unoesc		Total	
	n	%	n	%	n	%
Ginecologia	12	44,44%	57	71,25%	69	64,49%
Ginecologia e Atenção primária			1	1,25%	1	0,93%
Ginecologia e Psiquiatria	2	7,41%	1	1,25%	3	2,80%
Ginecologia e Urologia	4	14,81%	8	10,00%	12	11,21%
Ginecologia, Urologia e Saúde Pública	2	7,41%		0,00%	2	1,87%
Psicologia médica			2	2,50%	2	1,87%
Psicologia médica e Psiquiatria			1	1,25%	1	0,93%
Urologia	1	3,70%	2	2,50%	3	2,80%
Outras	1	3,70%	2	2,50%	3	2,80%
Uma aula de saúde coletiva voltada para parte de sexualidade e doenças			1	1,25%	1	0,93%
Não informado	5	18,52%	5	6,25%	10	9,35%
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%

Fonte: elaboração própria.

Conforme a Tabela 4, a maioria teve o tema sexualidade abordado principalmente como tema de aula (78,50%), sem diferença significativa entre as instituições ($p=0,490$). A porcentagem de estudantes que mencionaram “outra atividade” (16,82%) indica que houve a inclusão do referido conteúdo em atividades extracurriculares, como palestras, cursos.

Tabela 4 – Distribuição percentual da abordagem sobre a temática Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	n	%	N	%	
Como tema de Aula	19	70,37%	65	81,25%	84	78,50%	0,490 (2,421)
Outra Atividade	7	25,93%	11	13,75%	18	16,82%	
Não foi abordado	1	3,70%	3	3,75%	4	3,74%	
Não informou			1	1,25%	1	0,93%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 5 evidencia que para 73,83% dos(as) participantes, o tema disfunção sexual foi abordado em sua formação, sem diferença estatisticamente significativa entre as instituições de ensino ($p=0,296$).

Tabela 5 – Distribuição percentual da presença da abordagem sobre disfunção sexual. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	n	%	n	%	
Sim	22	81,48%	57	71,25%	79	73,83%	0,296 (1,093)
Não	5	18,52%	23	28,75%	28	26,17%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 6 indica que apenas 16,82% dos(as) respondentes se sentem aptos(as) para atender pessoas em tratamento com queixas sexuais, enquanto a maioria (46,73%) indicou que se sente “pouco” preparada. Não houve diferença significativa entre as instituições de ensino ($p=0,441$). Também não houve diferença entre os sexos ($p=0,585$).

Tabela 6 – Distribuição percentual da percepção de estudantes quanto à aptidão para realizar atendimento de pessoas em tratamento com queixas sexuais. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	n	%	n	%	
Sim	3	11,11%	15	18,75%	18	16,82%	0,441 (3,749)
Não	7	25,93%	25	31,25%	32	29,91%	
Pouco	14	51,85%	36	45,00%	50	46,73%	
Muito	3	11,11%	4	5,00%	7	6,54%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

Sobre sentir-se desconfortável com a temática, a Tabela 7 mostra que 52,34% dos estudantes relataram sentir “pouco” desconforto ao serem questionados sobre sexualidade sem diferença significativa entre as instituições de ensino ($p=0,878$).

Tabela 7 – Distribuição percentual da percepção de estudantes quanto ao desconforto ao ser questionado(a) sobre sexualidade. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	n	%	n	%	
Muito	2	7,41%	5	6,25%	7	6,54%	0,878 (0,259)
Nada	10	37,04%	34	42,50%	44	41,12%	
Pouco	15	55,56%	41	51,25%	56	52,34%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 8 revela que 81,31% dos(as) respondentes indicaram não ter aprendido técnicas para abordar pessoas em tratamento sobre sexualidade. Houve mais respostas negativas dos participantes da Unoesc, sugerindo uma diferença significativa entre as instituições ($p=0,011$).

Tabela 8 – Distribuição percentual de estudantes quanto ao aprendizado de alguma técnica para abordar a pessoa em tratamento sobre o assunto. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	n	%	n	%	
Não	17	62,96%	70	87,50%	87	81,31%	0,011 (6,523)
Sim	9	33,33%	10	12,50%	19	17,76%	
Não informou	1	3,70%		0,00%	1	0,93%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

Na sequência os(as) participantes foram questionados(as) sobre sentir-se preparados para sanar questionamentos sobre sexualidade. De acordo com a Tabela 9, 77,57% indicam sentir-se “pouco” preparados para esclarecer dúvidas sobre sexualidade e não houve diferença significativa entre as instituições de ensino e quando comparados por sexo ($p=0,470$).

Tabela 9 – Sente-se preparado para esclarecer dúvidas sobre sexualidade. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	n	%	n	%	
Muito	3	11,11%	6	7,50%	9	8,41%	0,470 (1,510)
Nada	2	7,41%	13	16,25%	15	14,02%	
Pouco	22	81,48%	61	76,25%	83	77,57%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

Os resultados da Tabela 10 indicam que 82,24% dos(as) estudantes se sentem “pouco” satisfeitos(as) com o aprendizado sobre sexualidade na formação acadêmica e não houve diferença significativa entre as instituições de ensino ($p=0,202$).

Tabela 10 – Distribuição percentual de estudantes quanto ao nível de satisfação com o aprendizado sobre sexualidade na formação. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	n	%	n	%	
Muito	2	7,41%	3	3,75%	5	4,67%	0,202 (3,200)
Nada	1	3,70%	13	16,25%	14	13,08%	
Pouco	24	88,89%	64	80,00%	88	82,24%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

Os resultados sobre a percepção de importância da abordagem da temática sexualidade na formação de médicos, reportados na Tabela 11, revelam que a maioria dos(as) estudantes de ambas as instituições de ensino superior considera o tema da sexualidade como “muito importante” na sua formação médica. A diferença entre as instituições de ensino superior não foi estatisticamente significativa ($p=0,252$).

Tabela 11 – Distribuição percentual de estudantes quanto à percepção sobre a importância do tema na formação. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	n	%	n	%	
Muito	25	92,59%	67	83,75%	92	85,98%	0,252 (1,309)
Pouco	2	7,41%	13	16,25%	15	14,02%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 12 apresenta o resultado sobre a percepção dos(as) estudantes sobre a suficiência da abordagem do tema sexualidade durante o curso de medicina. Houve 62,96% de estudantes da Unochapecó e 65% da Unoesc que consideraram o tema “pouco” abordado durante o curso, totalizando 64,49% de respondentes. Não houve diferença entre as instituições de ensino superior ($p=0,974$).

Tabela 12 – Distribuição percentual de estudantes quanto à suficiência da abordagem do tema durante o curso de graduação. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	N	%	n	%	
Muito	3	11,11%	9	11,25%	12	11,21%	0,974 (0,052)
Nada	7	25,93%	19	23,75%	26	24,30%	
Pouco	17	62,96%	52	65,00%	69	64,49%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

As respostas dos estudantes sobre em qual ciclo de formação o tema da sexualidade deveria ser abordado são apresentadas na Tabela 13. Especificamente, 59,26% de estudantes da Unochapecó e 67,50% de estudantes da Unoesc responderam ciclo clínico, totalizando 65,42% dos(as) participantes. Não houve diferença entre as instituições de ensino superior ($p=0,062$).

Tabela 13 – Distribuição percentual de estudantes quanto à percepção sobre o ciclo de formação que deveria abordar a temática. Meio-oeste e oeste de Santa Catarina, 2024

Ciclo para abordar	Unochapecó		Unoesc		Total		p-value
	n	%	n	%	n	%	
Ciclo básico	2	7,41%	14	17,50%	16	14,95%	0,062 (10,532)
Ciclo clínico	16	59,26%	54	67,50%	70	65,42%	
Internato	1	3,70%	6	7,50%	7	6,54%	
Ciclo básico e ciclo clínico	2	7,41%	2	2,50%	4	3,74%	
Ciclo clínico e internato	3	11,11%	3	3,75%	6	5,61%	
Ciclo básico, ciclo clínico e internato	3	11,11%	1	1,25%	4	3,74%	
Total	27	100,00%	80	100,00%	107	100,00%	

Fonte: elaboração própria.

Discussão

Este estudo contou com a participação de estudantes das fases finais de dois cursos de Medicina de universidades do Oeste de Santa Catarina e teve como objetivo investigar a oferta de ensino-aprendizagem da sexualidade humana, com ênfase na identificação das disciplinas responsáveis por essa abordagem, das técnicas pedagógicas empregadas, além da percepção dos alunos quanto à relevância do tema e ao grau de satisfação com o aprendizado. A inclusão exclusiva de participantes do internato médico possibilitou uma análise mais abrangente do ensino de conteúdos relativos à sexualidade humana nos ciclos básico e clínico.

Quanto ao componente curricular em que está inserida a sexualidade, a predominância das respostas dos estudantes foi a disciplina de Ginecologia, levando a crer que o tema ainda é majoritariamente abordado em relação às funções reprodutivas. Entretanto, sua abordagem vai além das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e contracepção, incluindo as disfunções sexuais que são motivos frequentes de muitas consultas por causarem prejuízos à qualidade de vida, tanto por fatores biológicos como psicológicos (Tozo et al., 2007).

Somado a isso, a pouca inclusão do conteúdo em alguns componentes curriculares, como Urologia, Psicologia Médica entre outras, conforme relatado pelos participantes, leva a crer que há uma lacuna no preparo de futuros profissionais de saúde para lidar de forma ampla, interdisciplinar e inclusiva com as demandas sexuais de pessoas em tratamento (Rufino; Madeiro; Girão, 2014). Um estudo sobre a percepção de professores de um curso de Medicina evidenciou sua falta de habilidade em lidar com o tema sexualidade humana e pouca interação entre as diferentes especialidades médicas, dificultando a abordagem interdisciplinar (Nascimento; Machin, 2024). No entanto, admitem que a abrangência da sexualidade humana no contexto da qualidade da assistência à saúde exige uma abordagem multidisciplinar e personalizada durante o ensino, conforme encontrado de outra pesquisa (Nascimento; Machin, 2024).

A abordagem da sexualidade humana de forma pontual ficou evidenciada neste estudo. Contudo, a forma interdisciplinar, dialogando com tópicos afetos a estigmas sociais, preconceito e disparidades de saúde contribui para a formação de profissionais de saúde aptos ao atendimento integral à saúde dos pacientes (Levkovich; Gewirtz-Meydan; Ayalon, 2020). Neste sentido, uma pesquisa realizada com 216 estudantes dos primeiros quatro anos de um curso de medicina de São Paulo, Brasil, mostrou que embora o teor ofertado sobre sexualidade, com ênfase para a reprodução e interrupção da gravidez, tenha variado de forma crescente de 27,27% no primeiro ano para 54,40% no quarto ano, os autores consideraram que o ensino permanece inadequado, resultando em insatisfação e uma sensação de insuficiência para o futuro exercício da medicina (Teixeira Santos; Fava Spessoto, Fácio Jr., 2020).

Quanto ao número de horas-aula ofertadas sobre o conteúdo da sexualidade, houve grande variabilidade de respostas, todavia a maioria indicou abaixo de dez. Estudo realizado por Solursh et al. (2003) aponta que dedicar menos de dez horas ao ensino da sexualidade pode ser insuficiente para alcançar os objetivos desejados. Algumas atividades extracurriculares, como simpósios, ligas acadêmicas e palestras, foram mencionadas, demonstrando que a sexualidade não é frequentemente o tema central de forma a merecer maior número de horas.

Quanto à forma de abordagem, segundo a maioria dos estudantes, o teor ocorreu como tema expositivo de aula em disfunção sexual e a maioria não aprendeu técnicas ou protocolos para atendimento em sexualidade. Protocolos para o acolhimento de pessoas em tratamento, como os previstos no caderno de atenção básica do Ministério da Saúde (Brasil, 2013) e comunicação de notícias difíceis, como o Protocolo SPIKES (Baile et al., 2000), são fundamentais para facilitar o ensino-aprendizagem e garantir aos pacientes um atendimento acolhedor e empático (Freiberger; Carvalho; Bonamigo, 2019). Como alternativa, o Quociente Sexual – Versão Feminina (QS-F) desenvolvido no Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, composto por 10 questões, facilita o atendimento quando o assunto é disfunção sexual (Abdo, 2009).

A aquisição de competências, habilidades e atitudes entre os estudantes de medicina, bem como o desenvolvimento de sensibilidade ética e empatia são fundamentais para alinhar sua formação para um cuidado mais eficaz, humano e centrado nas necessidades e particularidades de cada mulher (Assunção, 2020; Batistella et al., 2023). A percepção de estudantes de medicina pesquisados sobre sua pouca preparação para lidar com queixas relacionadas à sexualidade de pessoas em tratamento revela um desafio significativo às instituições de ensino superior (IES) na formação dos futuros profissionais de saúde competentes e sensíveis às dimensões sexuais (Val et al., 2019).

A constatação de desconforto de mais da metade dos estudantes para lidar com o tema da sexualidade tende a criar barreiras para o diálogo, contribuindo para a perpetuação de mitos, estigmas e desinformação (Assunção, 2020). Diante desse cenário, é crucial que as instituições educacionais e os programas de formação médica reconheçam a importância de aprimorar a educação em sexualidade por meio de um currículo mais robusto e abrangente (Rizza; Ribeiro; Mota, 2018). (Guimarães et al., 2017)

Os estudantes percebem o ciclo clínico como um momento crucial para receberem uma formação sobre sexualidade. Contudo, a utilização restrita às aulas expositivas pode limitar a compreensão prática e a aplicação dos conhecimentos adquiridos, especialmente em áreas sensíveis e complexas, como a saúde sexual (Rufino; Madeiro; Girão, 2014). A promoção do protagonismo do estudante, aliada ao desenvolvimento de competências essenciais e à integração entre teoria e prática, contribui significativamente para a formação de profissionais de saúde mais qualificados (Yamane *et al.*, 2019). Por isso, muitos educadores defendem que haja relevância na implementação de programas de educação sexual nas escolas, juntamente com a oferta de consultoria sobre sexualidade, como elementos cruciais para a formação dos alunos (Sato *et al.*, 2023).

Os problemas de formação sobre sexualidade perpassam os cursos de medicina. Por um lado, uma revisão sistemática em cursos de enfermagem realizada por Beraldi *et al.* (2024) concluiu que, embora a sexualidade constitua um aspecto estrutural do viver humano, ainda é um tema imerso em tabus que interferem em sua abordagem durante o ensino superior. Por outro, outra pesquisa realizada por Silva (2024), com estudantes de Pedagogia, sobre a educação para a sexualidade enfatiza o papel da universidade como instituição e espaço propício para a formação dos profissionais de diferentes áreas, incluindo as da saúde e, especificamente, a área da medicina.

A similaridade dos resultados entre as instituições de ensino superior que participaram do presente estudo indicam a necessidade de uma revisão mais aprofundada das matrizes curriculares sobre os métodos de ensino da sexualidade e a implementação de recursos adicionais, como treinamentos práticos, simulações, discussões de casos clínicos específicos. Por fim, como limitação do estudo, considera-se que a realização da pesquisa somente em dois cursos de medicina restringe a generalização dos dados obtidos.

Considerações finais

O ensino da sexualidade humana nos dois cursos de Medicina analisados revelou resultados semelhantes quanto às abordagens pedagógicas em suas matrizes curriculares. O tema é tratado de forma pontual, predominantemente no contexto da reprodução humana, com ênfase no componente curricular de Ginecologia. Os achados do estudo indicam a necessidade de sua inclusão de forma transversal por meio de estratégias didáticas mais dinâmicas, como aulas teóricas integradas, simulações realísticas, discussão de casos clínicos e desenvolvimento de protocolos de manejo clínico.

Observa-se uma evidente limitação na carga horária dedicada à temática, bem como a prevalência de metodologias expositivas, a não inclusão de técnicas especiais de ensino-aprendizagem e ausência de uma abordagem interdisciplinar que articule saberes com outras áreas, como Urologia e Psicologia Médica. Apesar dessas lacunas, os estudantes reconhecem a importância do tema na formação médica, embora a maioria se sinta insatisfeita com o aprendizado e aproximadamente a metade se sinta despreparada para o atendimento. Quanto ao momento, destaca-se o ciclo clínico como crucial para o aprofundamento prático e teórico do tema.

Por fim, ressalta-se a importância de novos estudos que incluam um número maior de participantes e diferentes atores do processo formativo, como docentes, pacientes e especialistas da área, de modo a aprofundar a compreensão sobre a sexualidade humana na educação médica e, assim, contribuir para a formação de profissionais mais preparados no enfrentamento dos desafios clínicos e sociais que se apresentam.

Agradecimentos

Agradeço inicialmente a Deus, por estar sempre presente e me guiando nessa jornada desafiadora. Aos meus pais, Moacir e Ivete, por todo amor e apoio incondicional em todas as fases da minha vida, principalmente nessa fase atual que chamo carinhosamente de “vida adulta”. Ao meu irmão Gustavo, que é meu exemplo a seguir e plantou a semente do mestrado. Um agradecimento especial às minhas pacientes, que me acompanharam nesse projeto mestrado. E não posso esquecer do meu orientador Dr. Elcio Bonamigo que abraçou meu projeto em andamento e fez ele acontecer! Muito obrigada!

Referências

- ABDO, C. H. N.; OLIVEIRA JUNIOR, W. M. O ginecologista brasileiro frente às queixas sexuais femininas: um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Medicina*, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 179-186, 2002. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-319652>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- ABDO, C. H. N. Quociente sexual feminino: um questionário brasileiro para avaliar a atividade sexual da mulher. *Diagn Tratamento*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 89-91, 2009. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/upload/S/1413-9979/2009/v14n2/a0013.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- ASSUNÇÃO, M. R. S.; DIAS, I. H. P.; COSTA, A. C. B.; GODINHO, M. L. S. C.; FREITAS, P. S.; CALHEIROS, C. A. P. A sexualidade feminina na consulta de enfermagem: potencialidades e limites. *Revista de Enfermagem da UFSM*, Santa Maria, v. 10, p. e68, 2020. DOI: <https://doi.org/10.10.5902/2179769239397>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- BAILE, W. F.; BUCKMAN, R.; LENZI, R.; GLOBER, G.; BEALE, E. A.; KUDELKA, A. P. Spikes: a six-step protocol for delivering bad news: application to the patient with cancer. *The Oncologist*, Nova York, v. 5, n. 4, p. 302-311, 2000. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/spikes-a-six-step-protocol-for-delivering-bad-news-application-to-the-patient-with-cancer/>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- BATISTELLA, A. O. A. et al. Empatia médica e valores éticos da profissão: estudo quantitativo. *Revista Bioética*, Brasília, v. 31, n. 2, e3577PT, 2023. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/3577. Acesso em: 10 jul. 2024.
- BERALDI, M. L. et al. O ensino da sexualidade em cursos de Graduação em Enfermagem: revisão sistemática da literatura. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 28, p. e230310, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.230310>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 3, de 20 de junho de 2014. *Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências*. Brasília – DF; 2014. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/pnsp/legislacao/resolucoes/rces003_14.pdf/view. Acesso em: 10 maio. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Acolhimento à Demanda Espontânea*. Cadernos de Atenção Básica, Brasília: Ministério da Saúde, v. 1, n. 28, 2013. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento_demanda_espontanea_cab28v1.pdf. Acesso em: 20 jul. 2024.
- CAVALCANTI, R. Tratamento clínico das inadequações sexuais. 5 ed. In: CAVALCANTI, R.; CAVALCANTI, M. *Disfunções Sexuais*. São Paulo: Payá, 2019. p. 208-222.
- FREIBERGER, M. H.; CARVALHO, D.; BONAMIGO, E. L. Comunicação de más notícias a pacientes na perspectiva de estudantes de medicina. *Revista Bioética*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 318-325, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019272316>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- GUIMARÃES, D. A.; OLIVEIRA, C. A. M.; LIMA, R. A.; SILVA, L. C.; AVELAR, C. R. T.; GAMA, C. A. P. Formação em Saúde e Extensão Universitária: discutindo sexualidade e prevenção de IST/Aids. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, Vitória, v. 19, n. 2, p. 124-132, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/18870/12847>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- LEVKOVICH, I.; GEWIRTZ-MEYDAN, A.; AYALON, L. Communicating with older adults about sexual issues: How are these issues handled by physicians with and without training in human sexuality *Health & Social Care in the Community*, Oxford, v. 29, n. 5, p. 1317-1326, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32965053/>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- NASCIMENTO, A.; MACHIN, R. Gênero e sexualidade no currículo médico: a perspectiva de professores de um curso de graduação em Medicina. *Interface*, Botucatu, n. 28, e220628, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.220628>. Acesso em: 23 jul. 2024.

RIZZA, J. L.; RIBEIRO, P. R. C.; MOTA, M. R. A. A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as. Seção Temática: Educação Superior. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, e176870, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844176870>. Acesso em: 10 jul. 2024.

RUFINO, A. C.; MADEIRO, A. P.; GIRÃO, M. J. Sexuality education in Brazilian medical schools. *Journal of Sexual Medicine*, Nova York, v. 11, n. 5, p. 110-7, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/n3vQ5bXnKbZg4bkwSWPK53q/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SANTOS, A. U. T.; FAVA SPESSOTO, L. C.; FÁCIO JR, F. N. Sexual health teaching in basic science courses among medical students. *Sexual Medicine*, Oxford, v. 9, n. 1, p. 100309-100309, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33476991/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SATO, T. et al. Japanese health and physical education teachers' experiences teaching sexuality education at the high school level. *Cogent Education*, Londres, v. 10, n. 1, p. 2167330, 2023. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/2331186X.2023.2167330> Acesso em: 15 jul. 2024.

SILVA, K. F. Educação para a sexualidade: um compromisso da universidade com os direitos humanos e a formação docente. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 14, p. 1-19, 2024. DOI: 10.35699/2237-5864.2024.52713. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/52713>. Acesso em: 19 fev. 2025.

SOLURSH, D. S. et al. A educação sexual humana de médicos nas escolas médicas norte-americanas. *Revista Internacional de Pesquisa sobre Impotência*, Londres, v. 15, Suppl. S41-S45, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1038/sj.ijir.3901071> Acesso em: 18 jul. 2024.

TOZO, I. M. et al. Disfunção sexual feminina: a importância do conhecimento e do diagnóstico pelo ginecologista. *Revista Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*, São Paulo, v. 52, n. 3, p. 94-99, 2007. Disponível em: <https://arquivosmedicos.fcmsantacasasp.edu.br/index.php/AMSCSP/article/view/447/500>. Acesso em: 20 jun. 2024.

VAL, A. C. et al. “Nunca Me Falaram sobre Isso!”: o Ensino das Sexualidades na Perspectiva de Estudantes de uma Escola Federal de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, v. 43, n. 1 Supl. 1, p. 108-118, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190140>. Acesso em: 20 jun. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Sexual health*. Genebra: 2017. Disponível em: http://www.who.int/topics/sexual_health/en/. Acesso em 24 set. 2017.

YAMANE, M. T. et al. Simulação realística como ferramenta de ensino na saúde: uma revisão integrativa. *Revista Espaço para a Saúde*, Curitiba, v. 20, n. 1, p. 87-107, 2019. Disponível em: <https://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/651/pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

Recebido em: 04/10/2024

Aprovado em: 30/05/2025